



O RABINAL-ACHÍ EM PERSPECTIVA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DE SUAS DIVERSAS VERSÕES ESCRITAS¹

*EL RABINAL-ACHÍ EN PERSPECTIVA: ANÁLISIS COMPARATIVO DE SUS
DIVERSAS VERSIONES ESCRITAS*

*THE RABINAL-ACHÍ IN PERSPECTIVE: A COMPARATIVE ANALYSIS OF ITS
VARIOUS WRITTEN VERSIONS*

Bruno Tomazela Pasquali² 
Universidade de São Paulo, Brasil

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar as versões impressas do Rabinal-Achí, uma obra de origem indígena guatemalteca, catalogada pelo abade francês Charles Étienne Brasseur de Bourbourg entre 1855 e 1856. Para compreender as motivações do abade e a forma como o texto foi transposto para o papel, o artigo apresenta uma breve biografia contextualizada do autor, utilizando como fontes seus próprios trabalhos autorais e demais cartas de contemporâneos. Como contraponto, na segunda seção do artigo se analisam as adaptações do Rabinal-Achí oriundas do *Manuscrito Pérez* de 1917, um documento redigido em idioma maia-achí que tem sido identificado como uma produção genuinamente indígena e isenta de influências europeias. O objetivo é desconstruir a narrativa que retrata o Rabinal-Achí como uma manifestação ímpolita e idílica da cultura indígena mesoamericana, apresentando as influências que tal tradição sofreu ao longo do tempo nas diversas manifestações culturais catalogadas. Por fim, o artigo apresenta as novas concepções e interpretações geradas a partir dessas influências nos variados suportes em que foram concebidas.

Palavras-chave: Rabinal-Achí; Brasseur de Bourbourg; Manuscrito Pérez; Guatemala.

¹ Este artigo constitui uma versão adaptada de um dos subcapítulos da minha dissertação de mestrado intitulada "Rabinal-Achí: versões e representações de uma tradição maia". O trabalho contou com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) por meio de bolsa de pesquisa. Para obter informações adicionais, consulte PASQUALI (2021).

² Doutorando e mestre pelo Programa de Pós-graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo; pesquisador bolsista do CNPq; E-mail: bruno.tomazela@usp.br

Resumen: Este analiza las versiones impresas de Rabinal-Achí, obra de origen indígena guatemalteco, catalogada por el abad francés Charles Étienne Brasseur de Bourbourg entre 1855 y 1856. Para entender las motivaciones del abad y cómo el texto fue trasladado al papel, el artículo presenta una breve biografía contextualizada del autor, utilizando como fuentes sus propias obras autorales y otras cartas de contemporáneos. Como contrapunto, la segunda sección del artículo analiza las adaptaciones de Rabinal-Achí a partir del Manuscrito Pérez de 1917, documento escrito en lengua maia-achí que ha sido identificado como una producción genuinamente indígena y libre de influencias europeas. El objetivo es deconstruir la narrativa que retrata al Rabinal-Achí como una manifestación pulcra e idílica de la cultura indígena mesoamericana, presentando las influencias que esta tradición ha sufrido a lo largo del tiempo en las diversas manifestaciones culturales catalogadas. Finalmente, el artículo presenta las nuevas concepciones e interpretaciones generadas a partir de estas influencias en los diversos medios en que fueron concebidas.

Palabras clave: Rabinal-Achí; Brasseur de Bourbourg; Manuscrito Pérez; Guatemala.

Abstract: This article aims to analyze the printed versions of Rabinal-Achí, a work of indigenous Guatemalan origin cataloged by the French abbot Charles Étienne Brasseur de Bourbourg between 1855 and 1856. To understand the abbot's motivations and how the text was transposed to paper, the paper presents a brief contextualized biography of the author, using as sources his own authorial works and other letters from contemporaries. As a counterpoint, the second section of the article analyzes the adaptations of Rabinal-Achí from the Manuscrito Pérez of 1917, a document written in the Achí language that has been identified as a genuinely indigenous production, free of European influences. The goal is to deconstruct the narrative that portrays the Rabinal-Achí as an unspoiled and idyllic manifestation of indigenous Mesoamerican culture, presenting the influences that this tradition has suffered over time in the various cultural manifestations cataloged. Finally, the article presents the new conceptions and interpretations generated from these influences in the various media in which they were conceived.

Keywords: Rabinal-Achí; Brasseur de Bourbourg; Manuscrito Pérez; Guatemala.

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2023.211892](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2023.211892)

*Recebido em: 11/05/2023
Aprovado em: 31/12/2023
Publicado em: 31/12/2023*

1 Introdução

Embora abarque diversos significados que extrapolam o sentido do termo, o Rabinal-Achí é comumente definido como uma peça de teatro tradicional maia que remonta ao período pré-colombiano e é considerado um dos mais antigos dramas teatrais indígenas ainda em existência nas Américas. Transmitido tradicionalmente pela cultura oral, foi escrito em quiché-achí, um dos idiomas maias, e traduzido para diversas outras línguas, sendo um exemplo notável de literatura e performance cultural que oferece contribuições valiosas sobre o passado e as tradições maias. Teve sua primeira versão impressa e divulgada em 1862, devido ao trabalho de catalogação e tradução do abade francês Charles Étienne Brasseur de Bourbourg realizado na cidade de Rabinal, na Guatemala entre 1855 e 1856. Para identificarmos as motivações que o levaram a realizar tal empreendimento e compreender a forma como o texto foi transposto para o papel, traçaremos aqui uma breve biografia contextualizada do abade, utilizando como fonte seus diversos trabalhos autorais, tais como livros e cartas redigidas aos seus contemporâneos, além de nos valeremos do material compilado e publicado tanto durante sua vida quanto postumamente, cotejando sua versão com as versões posteriores conhecidas, como a de Luis Cardoza y Aragón (feita em conjunto com Georges Raynaud entre 1929-30 e publicada em espanhol em 1972), Alain Breton (1999; 2007), entre outras. Este processo se faz necessário dada a imagem ambígua construída pela historiografia em torno da figura de Brasseur, retratado ora como um excepcional pesquisador de habilidade ímpar para manejar documentos históricos, ora como um manipulador de evidências empenhado em conquistar prestígio social e notoriedade.

Adiante, como contraponto, procederemos a uma análise mais aprofundada das adaptações do Rabinal-Achí derivadas do *Manuscrito Pérez*, um documento de autoria incerta, inteiramente redigido no idioma

quiché-achí.³ Este manuscrito tem sido objeto de estudo por diversos pesquisadores ao longo do tempo, que o reconhecem como uma produção genuinamente indígena (Brasseur de Bourbourg, 1862; Cardoza y Aragón, 1972; Padial Guerchoux, Vázquez-Bigi, 1991) e até isenta de influências europeias devido à suas características poéticas específicas – semelhantes às observadas no processo de desenvolvimento da literatura histórica-mitológica ocidental.⁴ Deste modo, pretendemos desconstruir a narrativa generalizante que retrata o Rabinal-Achí como uma manifestação impoluta e idílica, representando uma tradição indígena ou até mesmo um passado idealizado que, por estar plasmado no papel, se repete inalteradamente ao longo das décadas.

Ao término, apresentamos as influências que a tradição (tanto em seu aspecto teatral, quanto literário) produziu nas diversas manifestações culturais catalogadas, gerando novas concepções e interpretações nos variados suportes em que foram concebidas.

2 Brasseur de Bourbourg e a redescoberta do Rabinal-Achí

Nascido de uma família “aristocrática e empobrecida” (Barros Arana, 1910, p. 459) em 1814, no norte da França, na cidade de Bourbourg, Charles Étienne Brasseur⁵ – conforme o próprio escreve em seu *História das nações civilizadas do México* (1857)⁶ – aponta que seu precoce interesse pelas

³ A Academia de las Lenguas Mayas de Guatemala classifica o idioma achí como uma variante do quiché e não como uma língua diferente, embora possua aspectos de morfologia e flexão específicos. Presente sobretudo na região do departamento de Alta Verapaz, estima-se que seu atual número de falantes seja cerca de 63 mil pessoas. Cf: OXLAJUJ Keej Maya' Ajtz'iib'. *Maya' Chi'*: Los Idiomas Mayas de Guatemala. Cidade da Guatemala: CHOLSAMAJ, 2001, p. 35.

⁴ Aqui, a observação da literatura histórica-mitológica ocidental refere-se sobretudo às características comuns encontradas nos diversos mitos de origem greco-romanos e judaico-cristãos formados a partir de um longo processo de transmissão oral. Observando que o mesmo efeito ocorre na Mesoamérica a partir de suas especificidades, Anita Padial Guerchoux e Manuel Vázquez-Bigi (1991) ressaltam para a presença de certas camadas de significados ocultos no texto do Rabinal-Achí, geradas por tal processo, que muitas vezes causam certa inteligibilidade do conteúdo como todo. Em outras palavras, a interpretação atual pode ser prejudicada devido à ausência dos elementos subjetivos que, embora não estejam explícitos nos textos, devem ser considerados no processo hermenêutico.

⁵ Devido a sua larga produção literária em espanhol, é comum encontrarmos em diversas obras a adaptação castelhana de seu nome, grafada como Carlos Esteban Brasseur. Do mesmo modo, por Bourbourg ter sido um topônimo incorporado em suas publicações, ora ele é referido apenas como Brasseur.

⁶ Título completo: *Histoire de nations civilisées du Mexique et de l'Amérique-Centrale, durant les siècles antérieurs à Christophe Colomb: Les temps héroïques et l'histoire de l'empire des Toltèques*. Paris: Arthus Bertrand, 1857.

culturas da antiguidade, sobretudo de Egito, Índia e Pérsia, o levaram a se aproximar, aos 15 anos, do trabalho de autores como o Inca Garcilaso de la Vega (1539-1616), Antonio de Solís y Ribadeneyra (1610-1689) e do conde italiano Gian Rinaldo Carli (1720-1795), que versavam a respeito das civilizações da América pré-hispânica.⁷ Ainda segundo Basseur (1857), e reafirmado por seu contemporâneo Herbert B. Adams (1891), o desejo de se aprofundar na arqueologia e história dos indígenas da América ocorreu após a divulgação no jornal *Gazette de France*, em 1832, de uma suposta descoberta feita no Rio de Janeiro de um antigo conjunto de artefatos militares de origem macedônica talhados com caracteres gregos. Ainda que seja inegavelmente uma notícia falsa e sensacionalista, Adams (1891) faz uma advertência acerca da tendência à "*credulidade juvenil*" que o abade demonstrou ao longo de sua vida, baseando-se nos relatos compartilhados por Winsor (1889) e Brinton (1868), os quais reconhecem os méritos de Basseur enquanto arquivista, mas expressam vigorosas críticas em relação às suas análises:

Seu propósito de separar o histórico do mítico pode incitar críticas, mas seus pontos de vista são o resultado de mais trabalho e mais conhecimento do que qualquer um antes dele havia trazido ao assunto. Em suas publicações posteriores, há menos razão para ficar satisfeito com seus resultados, e Brinton chega a pensar que "ele tem uma fraqueza ao apontar, com uma obscuridade deliberadamente considerável, suas autoridades e as fontes de seus estudos. Seus colegas estudantes quase invariavelmente elogiam sua pesquisa bem-sucedida e seu grande aprendizado, superando, talvez, o de qualquer um deles, mas são todos cautelosos em adotar suas teorias posteriores [...]" (ADAMS, 1891, p. 278. Tradução nossa).

Dentro do contexto das grandes descobertas arqueológicas de seu tempo, tendo o egiptólogo Jean-François Champollion como um dos principais nomes na França do século XIX, a ambição de alcançar semelhante renome com a exploração dos vestígios materiais das culturas

⁷ Inca Garcilaso, um mestiço peruano e autor da *Comentarios Reales de los Incas*, desempenhou um papel pioneiro na representação das culturas indígenas nas Américas e na divulgação da história incaica. Antonio de Solís y Ribadeneyra, por sua vez, é conhecido por sua obra *Historia de la conquista de México*, que se baseia em fontes históricas e se tornou uma referência na narrativa da conquista espanhola. Gian Rinaldo Carli, embora de origem italiana, se destacou como um importante pensador iluminista cujas obras, como *Della Cultura degli Indiani*, abordaram a cultura e o legado das civilizações americanas, conectando, assim, a América Latina ao contexto intelectual europeu do século XVIII.

antigas do continente americano tornou-se mais um elemento de crítica ao trabalho de Brasseur, que era visto sobretudo pelos autores supracitados, como vaidoso intelectualmente a ponto de negligenciar evidências claras e forçar interpretações descontextualizadas. Essas críticas recorrentes frequentemente destacavam a influência negativa de suas produções iniciais como um fator limitante em trabalhos que exigiam maior rigor científico. Isso se deve, em parte, ao fato de que com cerca de 20 anos, já residindo em Paris, publicava novelas românticas e relatos morais em vários jornais para se sustentar financeiramente, entre eles *Le Monde* e *Le Temps* (BRUNHOUSE, 1992). Esse início literário em sua carreira frequentemente era percebido como uma desvantagem em sua busca por reconhecimento no campo da arqueologia e etnografia.

Por circunstâncias familiares, em 1838, se muda para Gante, na Bélgica, onde ingressa no seminário para cursar filosofia e teologia, motivado “*mais pela oportunidade de estudar do que por verdadeira vocação*” (WAUCHOPE, 2015). Durante seus estudos, empenha-se na reorganização da biblioteca da igreja local, além de escrever diversos livros – alguns com o pseudônimo de E. C. de Ravensburg – como: *Jérusalem, tableau de l'histoire des vicissitudes de cette ville*, *Le martyr de la croix* e *Saint Pierre de Rome et le Vatican*⁸ reimpressos até a década de 1880.

Pouco meses após sua ordenação sacerdotal, viaja para o Canadá em 1845 (SYLVAIN, 2003), onde passa a lecionar História da Igreja no seminário e na Universidade de Quebec. Apesar de uma constatação prematura, é muito provável que Brasseur tenha tido contato ou apenas conhecimento acerca do sistema de educação residencial indígena aplicado no Canadá ao longo do século XIX, que buscava resolver o “problema indígena” assimilando-os aos moldes da sociedade colonial vigente no período.⁹ Posteriormente, tomando esta viagem como base, escreve um livro dedicado à história do Canadá (BRASSEUR DE BOURBOURG, 1852)

⁸ *Jerusalém, um retrato da história das vicissitudes desta cidade, O mártir da cruz e São Pedro de Roma e do Vaticano*, em tradução livre.

⁹A esse respeito existe uma vasta bibliografia de referência. Cf: MILLER, 1996.

recebendo diversas críticas negativas e acusações de plágio por parte de Ferland (1854) e Laroche-Meron (*apud* PADIAL GUERCHOUX; VÁZQUEZ-BIGI, 1991), que observavam a sua obra como um compilado de citações traduzidas sem referências:

Quando Bancroft não lhe basta, Brasseur traduz Smith, Montgomery Martin, ou, se facilita a sua tarefa, copia a Charlevoix. Assim, levado por um ou outro desses autores conforme exigem as circunstâncias, chega ao final de seu primeiro volume sem haver feito de seus leitores participantes das suas importantes descobertas e sem os haver informado das fontes que há bebido tão abundantemente (FERLAND, 1854, p. 6-7 *Apud* PADIAL GUERCHOUX; VÁZQUEZ-BIGI, 1991, p.51. Tradução nossa).

Antes de completar um ano na América, parte para Roma e obtém acesso para consultar o acervo da biblioteca do Palácio da Propagação da Fé,¹⁰ contendo em sua maioria obras de cunho etnográfico-missionário, além do *Códice Borgia* original, o qual Brasseur demonstra notável interesse.¹¹ Em meio aos conflitos causados pelo processo de unificação italiana, volta para a América em 1848 para continuar seus estudos, onde conhece o diretor do Museu Nacional do México, Rafael Isidoro Gondra, que lhe apresenta manuscritos de autores do período colonial inicial.¹² Durante sua segunda estadia no continente, visitou parte dos estados ao sul dos Estados Unidos, assim como Tula e outras cidades pré-colombianas do México, acumulando uma série de artefatos arqueológicos e bibliográficos relacionados à história e cultura indígenas. Para compreender melhor a

¹⁰ Tal instituição servia como formadora de missionários católicos desde o século XVII. Posteriormente em 1854 o *Palazzo di Propaganda Fide*, representado pela Santa Sé, e o governo da República da Guatemala firmaram uma concordata que, além de estipular o catolicismo como religião oficial e aumentar os poderes dos órgãos eclesiásticos no país, definia em seu artigo 22 que o país “fornecesse os meios adequados para a propagação da fé e a conversão dos infiéis existentes dentro dos limites de seu território; e favorecesse o estabelecimento e o progresso das missões que chegam ao território da República com um objetivo tão louvável, autorizado pela Sagrada Congregação da Propagação da Fé”. Nesse contexto, Brasseur terá a primeira oportunidade de viajar para a América Central em uma missão religiosa. Cf. art. 22. de *CONCORDATO entre la Santa Sede y el presidente de la República de Guatemala*. Cidade da Guatemala: Palacio del Gobierno, 1854, tradução nossa.

¹¹ O *Códice Borgia* é um manuscrito de origem pré-colombiana cujo conteúdo versa a respeito de assuntos cosmológicos e calendários. Seu nome faz referência ao Cardeal Estefano Borgia, que o possuía antes de ser adquirido pela Biblioteca Vaticana em 1804. Encontra-se disponível em domínio público em: https://digi.vatlib.it/view/MSS_Borg_mess.1. Acesso em: 04 mai 2023.

¹² Apesar do conteúdo desses manuscritos ser desconhecido até hoje, muitos pesquisadores acreditam se tratar de transcrições diretas do frei Francisco Ximénez feitas por Ramón de Ordóñez y Aguiar – especificamente o Manuscrito de Chichicastenango –, já que em 1851 Brasseur reivindicaria a descoberta da obra na primeira das *Cartas para servir de introducción a la historia primitiva de las naciones civilizadas de la América septentrional*.

documentação coletada, passa a ter aulas de náuatle¹³ com Faustino Chimalpopoca Galicia¹⁴ (?-1877) no Colegio de San Gregorio. Também nesse período, encontra um antigo manuscrito náuatle datado de 1558, que viria a ser batizado de *Codex Chimalpopoca* (atualmente também conhecido como *Anais de Cuauhtitlan* ou *História Chichimeca*), em homenagem ao seu professor.

Em 1851 publica suas quatro *Cartas para servir de introducción a la historia primitiva de las naciones civilizadas de la América septentrional*, em que expõe algumas teorias a respeito dos povos americanos e discorre sobre suas descobertas. Logo no início da obra, Brasseur se remete à hipótese mítico-histórica formulada por Ramón de Ordóñez y Aguiar (1907),¹⁵ de que a cidade maia de Palenque:

[...] foi o trabalho, não apenas de um grande povo da antiguidade americana, alguns séculos antes da era cristã, mas os lugares onde estão suas ruínas foram Ophir, ou a região de ouro e madeiras preciosas, das quais fala a Sagrada Escritura: também sustento que após as famosas viagens feitas pelos fenícios, foi quando ergueram-se os templos e palácios da cidade palencana (BRASSEUR DE BOURBOURG, 1851, p. 7. Tradução nossa).

Ainda que o autor não aceite essa possibilidade como verdadeira de “um modo absoluto” ao separar a narrativa mítica e histórica de Ordóñez, também não descarta a possibilidade de um contato direto entre os povos maias e os descendentes de povos hebraicos e/ou mesopotâmicos. Segundo Brasseur, essa hipótese se sustenta no fato de que os maias-quichés adoravam um só Deus, Huracán, criador do céu e da terra, e outros deuses menores, como Hunahpu e Vucub-Caquix, que se assemelhavam a Ormuzd e Ahriman, adorados na Pérsia (BRASSEUR DE

¹³ O náuatle é uma língua indígena da família uto-asteca, tradicionalmente falada pelos povos náuatles no México e em algumas partes da América Central. Como uma língua de significativa relevância histórica e cultural, o náuatle desempenhou um papel fundamental nas culturas indígenas do vale do México, sobretudo aos tenochcas (comumente chamados astecas), sendo o idioma utilizado na escrita de importantes documentos, como o Códice Mendoza.

¹⁴ Grande defensor dos direitos indígenas, Chimalpopoca foi o primeiro catedrático leigo em língua náuatle na Universidade do México. Além de seu trabalho acadêmico, também foi intérprete de Maximiliano de Habsburgo durante a organização da Junta Protectora de las Clases Menesterosas, em 1865.

¹⁵ Ramón de Ordóñez y Aguiar, assim como seu contemporâneo, Pablo Félix Cabrera, publicaram aos finais do século XVIII notórias descobertas e estudos que versavam a respeito da cultura maia, sobretudo a maia-palencana. Conforme Brasseur de Bourbourg (1851) aponta, ao ter conhecimento da obra e das discussões levantadas por ambos os autores, a tese de Ordóñez configura-se como uma “obra completa em seu gênero”.

BOURBOURG, 1851, p. 11; SOCIEDAD, 1860, p.315). Prosseguindo com as analogias, em sua obra o abade expõe a hipótese de que algumas tradições presentes nos códices descobertos até então, fossem oriundas do Pentateuco como, por exemplo na mitologia do *Popol Vuh*¹⁶, a criação dos homens de barro, a formação do céu e da terra no ano 1 Tochtli,¹⁷ a ocorrência de um dilúvio de proporção global, entre outras. Posteriormente, a defesa de tais teorias serviria como mais um elemento negativo em sua reputação, abalando ainda mais a credibilidade e confiabilidade de seus relatos, conforme aponta Padial Guerchoux e Vasquez-Bigi (1991, p. 17):

[...] Brasseur era um manipulador desimpedido de influências e favores tanto como de produções alheias, e um observador e intérprete de acontecimentos e situações de sua época de pouca agudeza crítica e menor cautela, razões que fizeram alguns estudiosos presumirem que suas observações e trabalhos sobre as antigas literaturas da América Central eram de pouca confiança. (Tradução nossa)

Durante sua estadia na cidade de Rabinal enquanto administrador eclesiástico entre 1855-56, (TELETOR, 1955, p.55)¹⁸ Brasseur, que já havia iniciado anteriormente sua tradução do *Popol Vuh* para o francês e seus estudos sobre o idioma local, conta como redescobriu o que ele viria a chamar de *Rabinal-Achí*:

Não há médico aqui. Seis semanas atrás, dei a um deles [indígenas] um remédio que o curou de uma doença bastante grave. Por gratidão, ele veio mais tarde e me disse que era um descendente direto de uma grande família; que, por ordem de seus pais, ele havia memorizado um de seus bailes, ou danças dramáticas... Sabendo que eu havia perguntado em vão aos outros índios sobre esse baile, ele sugeriu que eu anotasse enquanto ele me ditava. Aceitei apesar da dificuldade, porque ele iria falar comigo no dialeto quiché de Rabinal. Mas *improbis labor omnia vincit* [o trabalho vence tudo], e depois de 12 dias do ditado mais árduo que já tomei, mesmo

¹⁶ O *Popol Vuh*, também chamado de *Livro do Conselho* dos maias-quichés, apresenta a criação da primeira raça de homens feita por meio do lodo, assim como o *Memorial de Sololá*, dos maias-caqchiquels reafirma a formação originária oriunda da terra.

¹⁷ No calendário pré-hispânico mexicana, cada um dos 52 anos tinha um nome próprio composto por um numeral de 01 a 13 e um dos seguintes quatro signos: tochtli (coelho), acatl (cana), tecpatl (punhal de pedernal) e calli (casa). Cada ano estava associado a uma direção no universo, a um lugar e a uma cor.

¹⁸ De acordo com os registros paroquiais, Brasseur foi o 123º pároco que ocupou o cargo desde 1685. Após a estadia na cidade, Brasseur seria enviado em serviço missionário para San Sacatepéquez, permanecendo alguns meses na região onde aprendeu o idioma caqchiquel e finalizou a tradução do *Memorial de Tecpán Atitlán*. Em 1857 retorna para a Europa.

quando estava na escola, escrevi todo o baile; com a ajuda de minhas gramáticas e meu dicionário, corriji a ortografia, e agora posso me gabar de que possuo o único drama aborígine americano que existe no mundo... O palco é aqui em Rabinal e os personagens são os primeiros heróis dos quichés e da nação de Rabinal, enquanto o recorte temporal, suponho, é o do início do século XII... (DOCUMENTOS, 1855 *apud* BRUNHOUSE, 1992, p. 118-119. Trad. nossa).

O nativo a que Brasseur se refere é “Bartolo” Ziz, intitulado pelo abade como *holpop*, um termo retirado da *Relación de las cosas de Yucatán* de Diego de Landa que pode ser traduzido como “depositário e diretor de ofício das danças tradicionais” (LANDA, 1864, p. 124-125). Lamentavelmente se sabe muito pouco sobre sua vida, mas podemos ter uma ideia de como ocorreu a transmissão e a manutenção dessa tradição por meio dos estudos etnohistóricos de René Acuña (1975) e Ruud Van Akkeren (2000). Conforme esses estudos, vimos que, curiosamente, o nome de Bartolo não consta nos arquivos paroquiais de Rabinal relacionado a nenhuma confraria, mas sabemos que de fato vinha de uma família importante devido à genealogia traçada por esses autores: seu avô materno era Francisco Tzuyen II, governador do povoado de Rabinal de 1803 a 1826 e uma das pessoas mais poderosas de seu tempo.¹⁹ Tal posição social de destaque só foi possível devido a sua devoção à fé católica e à sua conduta moral exemplar, o que o levou a ser chamado de *Ajtij* (Mestre, em idioma quiché) pelo frei Francisco Abella, um título de honra concedido aos governadores indígenas que levavam uma vida exemplar de dedicação à Coroa espanhola (ACUÑA, 1975). Por parte da linhagem paterna de Ziz, apesar de não haver informação alguma, podemos concluir que se tratava igualmente de uma família importante ou abastada, visto que seu pai, Thomas Ziz, havia se casado dentro de uma família tão poderosa como os Tzuyens.²⁰

¹⁹ A grafia do nome aparece em certos documentos (livro de casamentos, obituários, atas de batismo etc) como Suyén, assim como Ziz aparece como Sis, no entanto os pesquisadores são unânimes em afirmar que se trata das mesmas famílias. Cf. VAN AKKEREN, 2000; ACUÑA, 1975.

²⁰ A respeito da transmissão do legado da Xajooj Tun, Cf. VAN AKKEREN, Ruud. El baile-drama Rab'inal Achí: Sus custodios y linajes de poder. *Mesoamérica*: Revista del Centro de Investigaciones Regionales de Mesoamérica, vol. 21, n. 40, 2000, p. 1-39.

Como vimos, Brasseur de Bourbourg revela que Bartolo Ziz havia aprendido o drama por ordem de seus pais, mas não dá mais detalhes sobre qual família havia sido depositária da tradição. Em outra carta, datada de 1862, o abade discorre sobre as motivações que o levaram a ditar a obra para ele e diz ter recebido o encargo de seu pai, assim como também havia participado atuando como um dos personagens principais:

Ele acrescentou que tradicionalmente aprendeu isso por ordem do pai e do avô; que havia desempenhado o papel de um dos personagens principais, durante a representação que ocorreu cerca de trinta anos antes na frente de um padre dominicano, cujo nome ele me disse. Depois dessa data, ele continuou, abandonaram-na sob vários pretextos, embora os anciãos continuassem frequentemente a transformá-la no assunto de suas conversas; vendo isso, ele teve a ideia, durante muitos anos, de tomá-lo inteiramente por escrito, a fim de transmiti-lo como um registro para seus filhos. Ele acabou propondo que eu o transcrevesse sob seu ditado (BRETON, 1999, p. 22. Tradução nossa).

Estranhamente Brasseur não cita o nome do tal padre dominicano que havia presenciado a última encenação do Rabinal Achí e tampouco oferece mais informações sobre as condições em que o texto foi encenado.²¹ Por essa razão, diversos pesquisadores levantam dúvidas acerca da veracidade desse relato, pois sendo Bartolo Ziz oriundo de uma família tão influente, possivelmente o mesmo era alfabetizado e já teria transcrito o Rabinal-Achí pelo nome de *Xajooj Tun* (dança do tambor, em idioma quiché) antes da chegada do abade à cidade.²² Apesar dessa controvérsia, a transcrição realizada pelo religioso permanece pertinente e acurada em seu conteúdo, mesmo quando comparada com o *Manuscrito Pérez* de 1913, que teoricamente seria a cópia direta do texto produzido por Bartolo Ziz, realizada sem a supervisão ou interferência de agentes externos. Segundo Georges Raynaud *apud* Luis Cardoza y Aragón (1972), diferentemente de Francisco Ximénez – que permaneceu em Rabinal entre 1707-1714 –,

²¹ René Acuña (1975 p. 15) nos informa a respeito da grande rotatividade de párocos que Rabinal recebeu desde os primeiros anos da existência da paróquia: entre 1685 e 1746 foram designados 55 padres para o cargo de administrador eclesiástico, sendo que a maioria não permaneceu no posto por mais de um ano. Por essa razão torna-se difícil presumir se esta é uma referência a Francisco Ximénez ou outro religioso. Conforme Teletor (1955), após Brasseur passaram pela paróquia 42 padres entre 1856 e 1955.

²² Apresentada por Alain Breton (2019), esta hipótese tem sido aceita para identificar a origem do *Manuscrito Pérez*, o qual veremos adiante.

Brasseur não conhecia “a mentalidade e os costumes” dos indígenas da região com a mesma profundidade que seu antecessor, necessitando de ajuda para concluir seus estudos sem cometer os equívocos que eram observados em seus trabalhos anteriores: “tão imaginativo como sempre, errou menos neste texto, graças à colaboração de seus três servos indígenas” (CARDOZA Y ARAGÓN, 1972, p. XII. Tradução nossa):

Rabinal-Achí foi colocado na escrita alfabética, durante o século XIX, por uma figura colonial europeia, ligada à instituição da Igreja Católica, especificamente pelo pároco da cidade de San Pablo de Rabinal [...]. Este, apoiado por Bartolo Ziz, ator, realizador e dono da obra até 1825, e por Vicente Tecú, assistente da capela, transcreveu-o para quiché e depois para o francês, desencadeando um processo de construção de sentido que fixou por escrito o que havia sido preservado pela tradição oral, ou seja, transferiu um texto de uma de suas atualizações efêmeras para uma “versão definitiva”, conceito alheio às culturas orais e, sobretudo, à natureza da arte teatral. (HENRÍQUEZ PUENTES, 2010, p. 226. Tradução nossa)

Ao transcrever e catalogar o Rabinal-Achí, valendo-se de sua experiência anterior como romancista e do arcabouço teórico e empírico adquirido em suas viagens, o abade organiza o conteúdo do drama seguindo os clássicos moldes estéticos da dramaturgia teatral e literária europeia. Dentre tais aspectos, observamos inicialmente a escrita em prosa, que coloca os acontecimentos, falas e interjeições realizadas na apresentação em um texto corrido, o que acaba por ofuscar a poética e a retórica característica da obra espetacular indígena. Outra particularidade controversa de sua escrita é a divisão do texto em quatro cenas que se passam ora na parte externa de Rabinal, ora dentro de suas fortificações. Como veremos adiante, essas divisões, apesar de constarem de forma similar no *Manuscrito Pérez*, além de distanciar a encenação do texto escrito, dão ao documento um traço muito mais europeu.

Dentre as versões, edições e reimpressões que utilizaram o trabalho de Brasseur como base, a primeira variação de sua obra que temos conhecimento foi a tradução para o alemão realizada por Eduard Stucken

em 1913.²³ Sucinto, com apenas 34 páginas, o texto seria posteriormente adaptado para ser o libreto da ópera composta por Egon Wellesz em 1926.²⁴ Seu tradutor, no entanto, apesar de possuir uma extensa produção bibliográfica que abarca diversos trabalhos científicos comparativos entre as culturas autóctones da América Central, Polinésia e Europa,²⁵ não realiza nenhuma análise crítica do trabalho de Brasseur, restringindo-se a transpor o conteúdo do texto francês-quiché para o alemão.

Já em 1928, Georges Raynaud – então titular da cadeira de Estudos sobre as religiões pré-hispânicas da Universidade de Sorbonne – realiza a primeira revisão acadêmica do texto de Brasseur ao apresentar uma nova tradução do texto em francês (MONTERDE, 1955). Esta versão, apesar de estar atualmente desaparecida, serviu como base para o poeta guatemalteco Luis Cardoza y Aragón realizar a sua primeira tradução para o espanhol em 1929 – reimpressa em 1953 e 1972. Tendo estudado em conjunto com Raynaud, Cardoza y Aragón mantém em seu livro diversos apontamentos realizados pelo referido professor, dando-nos a conhecer um pouco mais a respeito do debate acerca do Rabinal-Achí ocorridos em sua época. Ademais, com esta publicação percebemos uma ramificação de novas versões que passaram a utilizar a tradução de Cardoza y Aragón como referência, distanciando-se ainda mais do texto original de 1862.

Ainda em 1929, outra tradução para o espanhol foi realizada por Leonardo Montalbán em El Salvador,²⁶ que viria a ser reimpressa no México em 1945 prefaciada por Francisco Monterde. Na Argentina, José Antonio Villacorta publica sua primeira tradução em 1942, sendo reimpressa posteriormente em 1944 e 1979. O também argentino Luis Baudizzone

²³ STUCKEN, Eduard. *Die Opferung des Gefangenen: Ein Tanzschauspiel der Indianer in Guatemala aus Vorkolumbischer Zeit*. Berlin: Erich Reiss Verlag, 1913. Disponível em: <<https://archive.org/details/dieopferungdesg00stucqoog/>>. Acesso em: 04 mai 2023.

²⁴ Agradecemos à Egon Wellesz Foundation por gentilmente ceder a gravação da ópera *Die Opferung des Gefangenen* para este estudo. O material está dividido em duas partes e pode ser acessado pelos links: <<https://youtu.be/wOYYE-oF0Fc>> e <<https://youtu.be/HAnRDSbfn0>>.

²⁵ KORTE, Hermann. Europa, dieser Nasenpopel aus einer Konfirmanden Nase. Gottfried Benn und der koloniale Europa-Diskurs im literarischen Frühexpressionismus. Erschienen. In: *Benn Forum*. Beiträge zur literarischen Moderne. 2010/2011. Berlin/Boston: De Gruyter, 2011, p. 18.

²⁶ El Varón de Rabinal. In: MONTALBÁN, Leonardo. *Historia de la literatura de la América Central*. tomo 1, época indígena. El Salvador: Ministerio de instrucción pública, 1929.

publica outra versão baseada no texto de Cardoza y Aragón em 1944,²⁷ realizando algumas adaptações no conteúdo da obra. No México, Francisco Monterde publica sua primeira versão do Rabinal-Achí em 1955, sendo reimpressa em 1963 e 1980. Esta versão utiliza como base a tradução de Raynaud e Cardoza y Aragón, porém divide o texto em apenas dois atos, suprimindo as repetições e os paralelismos característicos da obra original de Basseur. O texto, segundo o autor, organiza-se de modo a trazer uma imagem de “teatro atual”, divergindo sobretudo na erudição característica do texto em francês. A obra de Monterde, por sua vez, foi utilizada por Walter Palm para publicar sua tradução para o alemão em 1961,²⁸ do mesmo modo como Richard E. Lineweaver a utiliza – juntamente com a obra bilíngue de Basseur – para publicar sua tradução para o inglês em 1968.²⁹ Apesar de detectarmos que esses tradutores se empenharam em ser fiéis à versão que escolheram para traduzir, não nos foi possível detectar se os mesmos checaram suas respectivas versões com a que os indígenas estavam representando em Rabinal na mesma época da tradução. Deste modo, além do distanciamento do objeto real, esse movimento contribuiu para o congelamento e perpetuação da narrativa brasseuriana enquanto versão verdadeira e definitiva do Rabinal-Achí.

Interessados no teatro pré-colombiano da América Latina, José Cid-Pérez e Dolores Martí de Cid publicam em 1964 um compilado de obras de origem indígena, como o drama quéchua Ollantay e o próprio Rabinal-Achí.³⁰ A edição, por sua vez, faz parte de uma coleção voltada para o teatro universal, tendo sido reimpressa em outras editoras nos anos 1973, 1985 e 2001. Por se tratar de uma coletânea de divulgação, o Rabinal-Achí ocupa pouco espaço dentro do livro, sem apresentar o debate acadêmico

²⁷ BAUDIZZONE, Luis M. *Rabinal Achi*. Drama danzado de los indios quiches de Rabinal en Guatemala. Colección Mar Dulce. Buenos Aires: Nova, 1944.

²⁸ PALM, Erwin Walter. *Der Mann von Rabinal, oder Der Tod des Gefangenen, Tanzspiel der Maya-Quiché*. Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1961.

²⁹ LEINAWEAVER, Richard E. *Rabinal Achí: Commentary and English Translation*. Latin American Theatre Review, vol. 1, no. 2, Mar. 1968, p. 3-53.

³⁰ CID-PÉREZ, José; MARTÍ DE CID, Dolores. *Teatro Indio Precolombino: El Güegüense, o, Macho ratón; El varón de Rabinal; Ollantay*. Madrid: Aguilar, 1964.

que envolvia a obra ou as novas revisões a respeito das traduções feitas por Raynaud e Cardoza y Aragón.

Em 1977, sob organização de Eleanor Wolff é publicada a edição com menor tiragem conhecida: *Rabinal: an Ancient Play of the Quiche Indians of Guatemala*.³¹ Com ilustrações de Caroline Hammer e Christopher Meatyard e notações musicais de Lynn Murry e Richard Hamilton foram impressas manualmente apenas 65 cópias deste livro. Apesar do projeto gráfico da obra ser luxuoso, como aponta Tedlock (2003), o texto apresentado consiste em uma versão simplificada em inglês do texto original de Brasseur mas também apresenta um breve estudo apontando aspectos básicos da cultura maia.

Na tentativa de realizar uma versão mais próxima do texto de 1862 e se distanciar de intermediários, Thomas Ballantyne Irving publica sua versão em inglês da obra em 1985.³² Configurando-se como uma antologia de textos célebres da cultura maia, o autor procura trazer um texto sucinto, também com propósito de difusão da literatura indígena.

Em 1991, Anita Padial Guerchoux e Manuel Vázquez-Bigi publicam seu estudo de revisão da obra brasseuriana com o propósito de elaborar uma versão “livre de erros e acessível a arqueólogos, historiadores, artistas, poetas, músicos e os demais que necessitem da obra original completa”.³³ Extrapolando a análise da obra, os autores postulam diversas teorias a respeito de Brasseur, entre elas a de que o abade pudesse ser um espião enviado à América a mando de Napoleão III, primeiro no Canadá francês e depois para colher informações a respeito da conturbada situação política em que se encontravam o México e a Guatemala em meados de 1850.³⁴

³¹ WOLF, Eleanor. *Rabinal: an ancient play of the Quiche Indians of Guatemala*. Lexington: King's Library Press, 1977.

³² IRVING, Thomas Ballantyne. *The Maya's own words: an anthology comprising abridgements of the Popol-vuh, Warrior of Rabinal, and selections from the Memorial of Solola, the Book of Chilam-Balam of Chumayel, and the Title of the lords of Totonicapan*. Culver City: Labyrinthos, 1985.

³³ PADIAL GUERCHOUX, Anita; VÁZQUEZ-BIGI, Manuel. *Quiché Vinak*. Tragedia. Nueva versión española y estudio histórico-literario del llamado “Rabinal-Achi”. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1991, p. 193. Tradução nossa.

³⁴ Segundo os autores, esta teoria se sustenta na aproximação que o abade possuía com o governo conservador e clerical de Napoleão III, o que, por sua vez, explicaria a facilidade que Brasseur teria tido em transitar livremente entre países e arquivos controlados pelo Estado e pela Igreja. Cf. *Ibid.*, p. 55.

Realizando diversos paralelos ao teatro grego, os autores apresentam uma perspectiva interessante sobre a poética, moral, religiosidade e a política expressada no Rabinal-Achí em comparação aos inúmeros remanescentes do período clássico e helenístico presentes na culturas litorâneas da península balcânica. Ademais, dada a percepção dos autores a respeito do processo de catalogação de Brasseur, o próprio título da obra sofreu modificações. Rebatizado por eles como *Quiché Vinak* (vinak= homem, senhor) por considerarem esse nome mais ajustado ao enredo da peça dado que, nessa concepção, o personagem principal não seria Rabinal Achí, mas seu algoz, o próprio Quiché Achí que aceita com resignação e honra ser sacrificado segundo os protocolos cerimoniais de seu tempo.

Organizado por Miranda van de Heijning e Andrea Ball, *Rabinal-Achi. Vepu Xahoh-tun u bi xahoh rech vae tinamit Rabinal*³⁵, lançado no formato e-book em 2005 como parte do Projeto Gutenberg™, é uma transcrição das imagens cedidas pela Bibliothèque Nationale de France (BnF/Gallica) da obra *Grammaire de la langue quiché espagnole-française* de Charles-Étienne Brasseur de Bourbourg.³⁶ Realizando pequenas correções na grafia das palavras, a obra mantém apenas o texto original em idioma quiché, suprimindo seu correspondente francês.

Como apontado, a habilidade incomum de descobrir manuscritos inéditos e seu ímpeto pelos estudos renderam a Brasseur de Bourbourg grande notoriedade entre os pesquisadores e entusiastas de seu tempo, sendo chamado postumamente por William Edmond Gates (1932) de o “fundador da pesquisa maia”. Entretanto, apesar de seu esforço louvável, a principal e mais ferrenha crítica feita ao seu trabalho consiste na confiabilidade de seus relatos. Na tentativa de sistematizar e organizar o pensamento mítico e tradicional indígena, Brasseur aparentemente toma liberdades literárias excessivas e analogias linguísticas para recriar narrativas coerentes e coesas à visão europeia (WAUCHOPE, 2015, p. 298). O

³⁵ Disponível em: <<https://www.gutenberg.org/files/15309/15309-h/15309-h.htm>>. Acesso em: 04 mai. 2023.

³⁶ O Projeto Gutenberg™ é uma iniciativa voluntária que busca digitalizar e disponibilizar gratuitamente na internet livros em domínio público. Em 2021 o acervo do projeto conta com mais de 60 mil títulos.

talento para a ficção, aproveitado durante sua juventude, e a imaginação fértil do abade também foram mencionados em seus trabalhos historiográficos por Georges Raynaud, (1925, p. xxvii)³⁷ e Marcel Bataillon (1954, p. 425), que consideravam sua obra como deveras imaginativa e de baixa qualidade interpretativa, pois algumas de suas explicações beiravam o misticismo ou se embasavam em evidências frágeis quando comparadas às demais produções científicas de sua época.³⁸ Isso dificultaria a compreensão de suas reais conclusões, já que constantemente mudava de ideia. Podemos observar essa postura em uma carta enviada ao etnólogo e linguista Léon de Rosny em 1869, em que o abade reitera sua interpretação sobre as relações transoceânicas entre as crenças nativas da América e as religiões do Mediterrâneo Oriental, assim como a provável localização da lendária Atlântida:

Nesse ponto, você perguntará o que essas inscrições dizem, qual é o conhecimento secreto que elas transmitem? Ah! Bem, elas confirmam ponto a ponto, com inúmeros detalhes, o que eu avancei em meu último trabalho, *Quatre lettres sur le Mexique*, depois do *Códice Chimalpopoca* e dos documentos mexicanos originais da coleção de Kingsborough. Esta é a história do cataclismo, talvez cataclismos (já que ainda não tive tempo de verificar isso completamente), que causaram a submersão de uma parte da América antiga, particularmente a parte que, cobrindo o Golfo do México e o mar do Caribe até o Orinoco, continuava avançando várias centenas de léguas em direção à África e Europa. (HOUSTON; MAZARIEGOS; STUART, 2001, p.62. Tradução nossa).

Embora visionário, Brasseur foi um homem de seu tempo, um romântico nato. Em uma época em que as mais fantásticas teorias a respeito da origem dos povos americanos se propagavam, era comum por parte de alguns estudiosos se valerem de especulações fundamentadas em relatos de viajantes, como Alexander von Humboldt (Alemanha 1769-1859), Jean-François Champollion (França 1790-1832) e o visconde de

³⁷ A respeito das ferrenhas críticas realizadas por Raynaud, Alma Caballero aponta que "suas expressões sobre Brasseur não são para desqualificar o seu trabalho, mas para projetar um ódio inexplicável". Cf. CABALLERO, Alma. *Teatro Centroamericano*. Guatemala. Con los textos de Brasseur de Bourbourg del Rabinal Achí, su música grabada en 1945, la entrevista a J. L. Coloch y la música de su montaje en 2004. [S.l.: s.n.], p.12, tradução nossa.

³⁸ Para muitos estudos, Bourbourg usava a etimologia como metodologia histórica, chegando a traçar paralelos entre as palavras não indígenas de idiomas autóctones a uma origem comum indogermânica escandinava. Em meados da década de 1860, passou a defender a influência cultural mútua entre o Egito Antigo e a Mesoamérica pré-hispânica.

Kingsborough (Reino Unido 1795-1837).³⁹ Ao seu respeito, o historiador Herbert B. Adams, que conviveu com ele em Roma em 1873, relata a paixão e a liberdade com que Brasseur conversava sobre seus estudos: *“Em certa ocasião, ele chegou ao extremo de dar uma interpretação sugestiva e obscuramente fálica. Da mesma forma, ele traçou a história de Quetzalcoatl até a Atlântida, por meio de uma linha de raciocínio razoavelmente longa e complexa”* (BRUNHOUSE, 1992, p. 125. trad. nossa). A respeito de Quetzalcóatl,⁴⁰ não tinha dúvidas de que havia sido um personagem histórico responsável por transmitir a civilização para outros povos. Consciente ou inconscientemente, seu espírito imaginativo convertia os mitos e fábulas que encontrava nos documentos que lia, em explicações históricas, costumes e crenças populares.

Suas ideias demonstram a transição pela qual os estudos históricos relativos à América pré-hispânica passavam no momento. Do mesmo modo em que interpreta as fontes à luz dos ensinamentos da Igreja Católica, forçando a proximidade de tradições indígenas com elementos bíblicos, assim como outros fizeram antes dele, também apresenta um contraponto científico, característico do pensamento positivista. Em uma carta datada de 1850, afirma:

O problema da população primitiva da América [...] não pertence mais à história do que às ciências naturais que questionaram sobre a origem das plantas e animais e sobre a distribuição de germes orgânicos ... Em meio a uma multidão das nações que tiveram sucesso e se misturaram umas com as outras, não é possível reconhecer com precisão a origem da primeira população. (BRASSEUR DE BOURBOURG, 1851, p. 46. Tradução nossa).

Sem dúvidas, seu fascínio e apreço pelas culturas mesoamericanas fica evidente em seus escritos. Ao publicar sua gramática da língua quiché em 1862 juntamente em um ensaio dedicado exclusivamente à música e à

³⁹ Sobre o assunto, podemos citar também o cronista e frade dominicano Diego Durán (1537-1588), o nobre indígena Chimalpahin Quauhtlehuanitzin (c. 1579-1645), o ministro norte americano Cotton Mather (1663-1728), o teólogo Roger Williams (1603-1683), entre outros.

⁴⁰ Comumente representado como uma serpente emplumada, Quetzalcoatl é uma figura mítica-lendária multifacetada que simboliza aspectos relacionados ao vento, a criação, a sabedoria e a cultura. Sua influência se estendeu por várias culturas da Mesoamérica, e desempenhou um papel fundamental na religião e na cosmologia dos povos pré-colombianos da região, frequentemente associado à criação do mundo e à promoção da civilização e da ordem. A depender da fonte, também pode ser nomeado como Ce Ácatl, Topiltzin, Ehécatl, Ah Nacxiti, Xuchit, Tlamacazqui, Tlahuizcalpantecuhtli, Huémac, Kukulcán, Hunac Ceel Cauich, Gucumatz e Tohil.

poesia indígena, Brasseur exalta a sofisticação e sensibilidade dos textos e danças nativas, assim como denuncia a exploração estrangeira que ainda persistia em seu tempo e privava a população local de se expressar abertamente. Demonstrando erudição e domínio sobre o assunto, cita os poemas de 1467 atribuídos a Nezahualcoyotl, governante de Texcoco conhecido como o “rei-poeta”, que lamentava o destino, vislumbrando o fim de seu império por meio de guerras e calamidades. Abrindo margem para retomar a hipótese do contato transoceânico, seus comentários se restringem à análise da documentação disponível, sendo muito mais ponderados e contidos:

As populações de origem asteca no México, como as de origem maia ou quicheana na América Central, também eram sensíveis à música e ao canto; mas a arte dramática não estava menos em voga do que a poesia lírica e a dança, e sabemos que a imitação e a ginástica progrediram nelas, o que nos surpreenderia se pudéssemos ver o que escapou, apesar da escravização, do fanatismo espanhol. (BRASSEUR DE BOURBOURG, 1862, p. 6. Tradução nossa).

Após a morte de Brasseur, sua coleção de documentos históricos passou às mãos de Alphonse Pinart, que a colocou à venda de 28 de janeiro a 5 de fevereiro de 1884, em Paris. Alguns documentos, como a cópia e tradução do *Memorial de Tecpan-Atitlan* foram comprados por Daniel G. Brinton, que possibilitou a ampliação e a disseminação dos estudos maias pelos círculos acadêmicos da América do Norte, sobretudo na costa oeste dos Estados Unidos.

3 Manuscrito Pérez: ressurgimento

A narrativa brasseurniana permaneceu como a única até a descoberta de um novo manuscrito em 1957 pelo professor norte-americano Carroll Edward Mace. O documento, posteriormente

conhecido como *Manuscrito Pérez*,⁴¹ é creditado como de autoria inicial de Bartolo Ziz e datado em seu prólogo em 28 de outubro de 1850, ou seja, cinco anos antes de Brasseur redigir a sua versão, e apresenta similaridades e divergências significativas com o texto publicado até então. A única menção – ainda que vaga – de Brasseur de Bourbourg a esse manuscrito está presente em uma carta de três de junho de 1855 (menos de um mês após sua chegada na cidade) dirigida a José Mariano Padilla, colecionador guatemalteco e amigo de Brasseur, em que diz: “[...] *Eu descobri aqui, nas mãos de um tio de um servo meu, outro manuscrito; é o texto do diálogo e da história do antigo baile de Rabinal Achí, os heróis de Rabinal [...]*” (BRETON, 1999, p. 20-21. Tradução nossa). Infelizmente esse documento a que Brasseur se refere permanece desaparecido até os dias de hoje, porém, após a sua morte, Daniel Brinton descobre em seus arquivos uma carta que modifica a história da origem do manuscrito, acrescentando novos detalhes à narrativa:

O Abade Brasseur declara que escreveu este drama por meio de informação verbal, no povoado de Rabinal, na Guatemala; porém uma carta do dr. Berendt em meu poder qualifica tal declaração como incorreta, e acrescenta: Brasseur encontrou o manuscrito completo, em mãos de um agricultor, no caminho de Guatemala até Chiapas. O original, entretanto, permanece no mesmo lugar. (BRINTON, 1883, p. 57. Tradução nossa).

A descoberta do manuscrito de Mace, inteiramente feito no idioma quiché-achí, é nada mais do que um caderno escolar com 76 páginas das quais 65 estão escritas; ao seu término temos outra marcação de data: “12 de junho de 1913”, o que foi interpretado por Acuña (2000), Van Akkeren (2000), Sacor Quiché (1990), entre outros, como sendo uma cópia direta da versão que Bartolo Ziz escreveu em 1850. A principal evidência que respalda essa teoria está no próprio cabeçalho do referido documento, em que se lê: “Aos vinte e oito dias deste mês de outubro de 1850 anos, acabei de fazer a transcrição do *original* deste *Xahoh Tun*, próprio deste nosso

⁴¹ O manuscrito leva esse nome devido a uma assinatura encontrada na última página escrita: “12 de junho de 1913, Pérez”

povoado de San Pablo de Rabinal para que meus filhos mantenham a tradição”.⁴² Este prólogo, entretanto, também consta na versão bilíngue publicada por Brasseur,⁴³ o que demonstra uma inconsistência na narrativa a respeito da origem de ambas as fontes.

Após essa descoberta, o próprio Mace (MACE, 1967, apud GUERCHOUX; VÁZQUEZ-BIGI, 1991) inicialmente sustentou a hipótese de que a versão coletada por Brasseur fosse, na verdade, uma cópia direta desse texto quiché-achí, levantando dúvidas acerca do relato do abade de ter escrito por meio do ditado de seus amigos indígenas. Posteriormente passou a cogitar o inverso pois, segundo o autor: “Brasseur enviou duas cópias de sua *Gramática da língua quiché* a Rabinal em 1862, e a versão do *Rabinal Achí* incluída neste livro foi usada nos ensaios até 1913, ano em que um natural chamado Manuel Pérez, diretor do baile, a usou para fazer sua própria cópia”. (MACE, 1998, p. 34-35. Tradução nossa). Por conseguinte, a estrutura do manuscrito de Pérez não apenas mantém determinados elementos, mas também introduz modificações na obra, incluindo a supressão ou adição de diálogos, bem como a alteração da ortografia. Neste caso, René Acuña (1975), analisando comparativamente os aspectos morfológicos e fonéticos observados em ambas as fontes, nos mostra que a escrita do *Manuscrito Pérez* se aproxima da gramática do padre Francisco de la Parra Aguftino, de meados do século XVI, a qual Francisco Ximénez tomou por base em seus trabalhos. Observando esta constatação, Anita Padial Guerchoux e Manuel Vázquez-Bigi (1991) acreditam que a origem do *Manuscrito Pérez* remonte aos estudos de Ximénez que estavam na posse do abade – como o *Livro do conselho*, que seria batizado por Brasseur como *Popol Vuh*, ao ser traduzido para o francês por ele –, mas que, por vaidade, tenha suprimido a presença de qualquer intermediário para ganhar os méritos de ser o único descobridor da obra. Segundo esta linha de raciocínio, a publicação da obra em francês serviria como um

⁴² No original, lemos: “Chi hu uinak uahxakib 4ih chi i4 ri octubre ch u pam ri hunab de 1850 aii.os, mi xch iu elezah ui *original* rech uae Xahoh Tun, rech uae ka tinamit San Pablo Rabinal ui”, grifo nosso.

⁴³ Na tradução do abade, lemos: “Au vingt huitième jour du mois d’octobre de l’année 1850, j’ai transcrit l’*original* de ce Ballet du Tun, propriété de notre ville de *Saint-Paul* de Rabinal, pour laisser mon souvenir à mes enfants et qu’il reste à jamais avec eux dorénavant. Ainsi soit-il”. BRASSEUR DE BOURBOURG, 1862, p. 24.

subterfúgio para afastar qualquer menção a Ximénez e suas supostas contribuições, já que todas foram feitas em espanhol:

Nesta hipótese, talvez Brasseur pudesse destruir a tradição espanhola original de Ximénez e, se o fizesse, publicar a versão espanhola como própria. Porém escolheu outro caminho; o de não a revelar, o de omiti-la de alguma maneira – ao fazer isto manteria seu novo papel de descobridor original de um importantíssimo remanescente pré-hispânico –, e publicar o texto francês como tradução direta e original. (PADIAL GUERCHOUX; VÁZQUEZ-BIGI, 1991, p. 83-84. Tradução nossa)

Já Tedlock (2003) sugere que Bartolo Ziz teria ditado o texto a Brasseur tendo por base o tal documento – que teria, nesta hipótese, uma antiguidade maior do que se imagina –, e que não haveria sido entregue para o abade fazer sua própria cópia por falta de confiança no mesmo, já que provavelmente ele o levaria consigo e desapareceria com o único registro disponível. O fato de o prólogo mencionar a transcrição do “original” do drama também levanta suspeitas a respeito de uma possível versão anterior.

Em sua estrutura, o documento conserva a mesma divisão em quatro partes, conforme observado em Brasseur, porém com uma ampliação da sexta intervenção de Quiché Achí e uma redução da fala de Rabinal Achí durante o primeiro ato, observado por Sacor Quiché (1996) como uma forma de unificar o caráter semântico e sintático perdido na transcrição do abade. Ademais, a separação dos acontecimentos em “cenas” ou “atos” que ocorre no *Manuscrito Pérez* representa um conceito que diverge em seu correspondente europeu, ou seja, tais separações podem ser compreendidas com propósitos distintos quando comparadas à atividade cênica não-indígena ocidental. Conforme observamos, a encenação do Rabinal-Achí ocorre de forma ininterrupta, sem pausas ou mudança de cenários. Nesse sentido, a marcação das quatro cenas configura-se como um elemento auxiliar na localização dos fatos – interiores ou exteriores à cidade – narrados apenas na parte textual, sem alterar em nada a forma

como a encenação ocorre. Tedlock (2003) aponta que, ainda que não exista nenhuma outra peça, dança ou teatro maia que possua tal separação:

[...] está claro que Brasseur traduziu [esses termos] do francês e não o contrário. No caso do primeiro título, "*U Nabe Banbal*" é o mais próximo possível de uma tradução literal de "primeiro ato", embora tenha escrito "*Scène Première*" na página ao lado. Em um uso real *b'amb'al* combina *b'an-*, "fazer" com o sufixo instrumental ou locacional *-b'al*, que significa "ferramenta" ou "lugar aonde alguma coisa foi ou é feita" e sua aplicação contemporânea mais comum é em latrinas ou banheiros [...]. (TEDLOCK, 2003, p. 277. Tradução nossa).

Nesse sentido, *U Nabe Banbal*⁴⁴ configura-se como um neologismo inventado pelo abade, que haveria sido incorporado na escrita do *Manuscrito Pérez* e perpetuado nas versões posteriores. Tal hipótese, no entanto, não descartaria a suposta existência de um documento mais antigo coexistir com a versão que temos hoje, no entanto, seria imprudente considerar tal documento como "puro" ou isento de influências externas dadas as condições apresentadas. René Acuña (1975 p. 106) nos aponta que uma das versões manuscritas com a qual ele teve contato – de autoria de Esteban Xolop – não apresenta a divisão de cenas, omite a descrição inicial dos personagens e carece de qualquer guia cenográfico que detalhe a respeito dos aparatos figurativos que compõem a representação do Rabinal-Achí. Nesse sentido, Acuña crê que Brasseur foi o responsável por introduzir todos esses elementos, já que não há nenhuma evidência lógica ou documental de que existissem ou fossem necessárias tais descrições dentro do contexto indígena.

Assim, as inúmeras conjecturas que foram formuladas a respeito da origem precisa deste manuscrito são tantas quantas as hipóteses históricas acerca do seu conteúdo, ou seja, plausíveis, mas impossíveis de serem comprovadas. De fato, dados o conteúdo e as características de ambos os documentos, é factível supor que Brasseur tivesse utilizado uma versão escrita como suporte para redigir o seu texto, como do mesmo modo é

⁴⁴ Assim como as partes subsequentes: *U Kam Banbal*, *U Rox Banbal* e *U Kaj Banbal*, sendo o segundo, terceiro e quarto ato respectivamente.

crível a narrativa de que ele “tomou por ditado” todas – ou grande parte – das falas do Rabinal-Achí, visto que, enquanto o *Manuscrito Pérez* organiza o texto de uma forma híbrida, oscilando em versos e prosa,⁴⁵ Brasseur transcreve e diagrama todo o texto apenas em prosa. Conforme apontado por Alain Breton (1999), ainda que seja impossível de se afirmar tal coisa, sabemos que, da mesma forma que as antigas epopeias e poesias gregas foram transmitidas oralmente sem a necessidade de um registo físico, as tradições indígenas se valeram do mesmo recurso, visto que os participantes mais assíduos do Rabinal Achí – como observado com os falecidos José León Colosh e seu sogro Esteban Xolop, por exemplo – conseguem memorizar todos os mais de três mil versos do drama.

O fato de o *Manuscrito Pérez* ter sido redigido no idioma local com caracteres latinos demonstra a importância da manutenção e perpetuação dessa tradição entre os nativos com a utilização dos recursos disponíveis em meados do século XIX. Em uma das cartas de Brasseur – datada de 23 de maio de 1855 –, este se manifesta surpreso em saber que a maioria dos habitantes de Rabinal eram fluentes em espanhol: “[...] *os aborígenes, apesar de bons e dóceis, não correspondem ao que eu esperava: quase todos falam espanhol e em seus arquivos não encontrei nada de interessante*” (BRASSEUR DE BOURBOURG, 1940, p. 298. Tradução nossa. Visto que ainda hoje, na segunda década do século XXI, muitos rabinalenses são fluentes tanto no idioma quiche-achí quanto no espanhol, é factível supor que quando o abade escreveu seu relato muitos eram igualmente bilíngues ou instruídos a se comunicarem na língua oficial do país. Nesse sentido, o autor do *Manuscrito Pérez* não utiliza nenhum termo de origem hispânica em sua escrita, com exceção do cabeçalho, onde menciona o nome cristão e oficial da cidade – San Pablo Rabinal – e ao final do documento, assina seguindo o calendário gregoriano: “Junio 12. 1913”.

Todas essas incongruências e lacunas a respeito da obra reafirmam o caráter de criação coletiva que engloba tanto o conhecimento popular

⁴⁵ Tedlock (2003), a partir de conversas com José Colosh e da análise da estrutura textual, considera que o *Manuscrito Pérez* está formulado inteiramente em versos poéticos.

quanto as tradições mítico-históricas dos maias que se unem para gerar novas camadas de significados adaptadas ao contexto do momento que se encontram (TEDLOCK, 1985). Ainda assim, os aspectos essenciais da tradição pré-hispânica – como o conflito dicotômico perpétuo entre os diversos conceitos sociais simbólicos observados até então – permanecem na obra como uma máxima quase intocável pela ação do tempo. Em outras palavras, ainda que tenha havido versões anteriores e desconhecidas da mesma história, seu caráter fundamental e singular pôde ser preservado como um testemunho que complementa e se relaciona com as demais fontes históricas indígenas. Como aponta Alain Breton (1999):

Sem dúvidas, jamais entenderemos, assim como tampouco saberemos quem ou quais foram seus redatores. Em vista da sua grande unidade, mas também de sua complexidade, inclino-me a pensar que se trata de uma criação pessoal e singular, uma obra “de autor” (um rei-poeta ou um príncipe herdeiro da época? Um dignitário inspirado, trabalhando na tradição ou lavrando o sulco dos aedos astecas?). Quanto à questão de como e por que esse texto conservou tal unidade, a resposta talvez resida na forma dialógica da história, que por si só remete ao gênero. Com efeito, o texto nada mais é do que uma sucessão ininterrupta de diálogos em que cada personagem, na ausência de algum ponto de vista externo sobre a ação que permita revelar o traço “onisciente” de qualquer narrador, cumpre esse papel: a história não é contada, mas vivida e atuada por cada um na primeira pessoa. (BRETON, 1999, p. 16-17. Tradução nossa).

Ainda que tal suposição do autor seja válida – apesar de embasada mais em especulações do que em fatos –, hoje já observamos o movimento oposto: diversos autores têm redigido suas versões do Rabinal-Achí tomando por base o *Manuscrito Pérez* e suas próprias interpretações a respeito da representação dramática da obra. Dado o *Manuscrito Pérez* ser uma cópia de uma versão desaparecida, não temos como mensurar as possíveis modificações sofridas no processo de transcrição deste material. Entretanto, a transmissão tradicional observada nos anos posteriores nos mostra a pouca ou quase nula deturpação do texto de referência, sobretudo naquelas utilizadas pelos diretores e “donos” do drama.

Nesse sentido, temos a segunda cópia do manuscrito realizada em 1952 por Eugenio Xolop,⁴⁶ seguindo pela terceira cópia realizada por seu sucessor, Esteban Xolop, em 1972, e utilizada posteriormente para a montagem do drama por José León Coloch de 1983 até seu falecimento em 2015.⁴⁷ Ao que podemos observar com as montagens realizadas em Rabinal após 2015, não há uma tradição em redigir uma cópia nova a cada novo diretor assumir o posto de seu antecessor, visto que os materiais utilizados no drama (tal como a indumentária, instrumentos musicais, imagens sacras, etc) são habitualmente reutilizados até se desgastarem devido a alguma catástrofe que os danifique total ou parcialmente ou pela ação natural do tempo. Ademais, conforme René Acuña (2000) aponta, devemos destacar que mesmo que todas essas cópias sejam “consanguíneas”, não significa que são idênticas ao seu modelo genético pois registram numerosas variações sobretudo em relação a alguns signos fonéticos. Junto a isto, conforme apontado pelo rabinalense José Efraín Hernández Gómez (1991), não há uma tradição literária forte nesta comunidade e nos demais povos de fala achí:

Rabinal é um povo nascido da história, para fazer história dentro da história que se esqueceu da sua história. Todos falam da história de Rabinal, mas ninguém a escreveu e só temos relatos orais que foram passando de geração em geração, o que acreditamos ter acontecido.

Mas salpicamos a história moderna com fatos que o próprio gênio do rabinalense criou com certo humor e graça provinciana, com personagens que às vezes já esquecemos e que as novas gerações não ouviram falar. (HERNÁNDEZ GÓMEZ, 1991, p. 216. Tradução nossa).

Esta ausência de produção literária indígena escrita é apontada por Teletor (1955, p.81) como um reflexo da aversão aos ladinos de fala espanhola e um mecanismo de preservação das tradições orais. Para o autor, a rigorosa estrutura hierarquizada das confrarias indígenas – e quase obrigatoriamente hereditária – contribuíram para a manutenção deste

⁴⁶ Nomeado por René Acuña (2000) como *Manuscrito Xolop-2*.

⁴⁷ Aqui estamos considerando as cópias integrais do Rabinal-Achí. Além destas listadas existem outras cópias parciais realizadas por Rosamaría Barba (1959), Carmelo Sáenz de Santa María (1979), etc. Cf. ACUÑA, 2000, p. 11-25.

sistema mesmo entre membros alfabetizados, algo que passou a se modificar somente a partir de meados da segunda metade do século XX, quando vemos o aparecimento e destaque de alguns autores indígenas.

Indo além das cópias manuscritas e adentrando no âmbito editorial e acadêmico, a partir do relato do pesquisador René Acuña (2000) temos conhecimento de uma cópia – aparentemente jamais publicada – realizada por Rosamaría Barba Martín Sonseca em 1959. Desta versão não possuímos nenhuma referência de como ocorreu o processo de transcrição e sua localização, tampouco possuímos informação sobre a autora, com exceção de um trabalho de catalogação posterior, igualmente realizado em Rabinal, a respeito de um teatro oriundo do século XVIII intitulado *História da conversão de São Paulo*.⁴⁸ Utilizando o manuscrito de 1913 e os resultados obtidos por meio de diversos trabalhos de campo iniciados na década de 1960, temos a versão de René Acuña (1975; reimpressa em 1982), que ao analisar a produção de Basseur e os estudos de Raynaud, observa em ambas as obras certos aspectos “artificiais” que se distanciam do Rabinal-Achí real, observado *in loco*.

Na mesma linha iniciada por Mace e Acuña temos o livro *Rabinal achi o danza del tun* por Hugo Fidel Sacor (1991).⁴⁹ Como diferencial dos estudos anteriores, a obra – realizada a partir de um estudo interdisciplinar de cunho etno-histórico, etnográfico, musicológico e linguístico realizado entre 1985 e 1989 – contou com a descrição do baile feita por Silvia Alvarez e a análise musical de Enrique Anleu. Essa versão é fruto do projeto de investigação “Estudio etno-histórico, etnográfico y lingüístico del Rabinal Achí” realizado pela Dirección General de Investigación da Universidad de San Carlos, Guatemala, sob direção do antropólogo Carlos García Escobar.

⁴⁸ Cf. MARTÍN SONSECA, Rosamaría Barba. Ystoria de Moros de la Conversión de San Pablo y expresan los nombres. In: *Artis*. Cidade da Guatemala: Editorial Landívar, 1960, p. 77-105.

⁴⁹ SACOR, Hugo Fidel. *Rabinal Achí o danza del tun*. Traducción de Hugo Fidel Sacor; descripción del baile de Silvia Alvarez; análisis musicológico de Enrique Anleu Díaz. Cidade da Guatemala: Universidad de San Carlos de Guatemala, 1991.

Nela se encontra digitalizado o manuscrito original de 1913 com o prólogo de Bartolo Ziz datado de 1850.⁵⁰

Na França, um novo estudo e tradução realizada por Alain Breton (1994; 1999; 2019) foi publicada em conjunto com um fac-símile do *Manuscrito Pérez*, sendo posteriormente traduzido e reimpresso em espanhol.⁵¹ Da mesma forma como seus antecessores, Breton utiliza o conhecimento empírico obtido em suas incursões por Verapaz e suas percepções a respeito das tradições cênicas de Rabinal para trazer contribuições inéditas para os estudos históricos e arqueológicos da região. Utilizando tal edição como base, Teresa Lavender Fagan e Robert Schneider publicam em 2007 uma nova tradução para o inglês,⁵² mantendo os comentários originais do livro de Breton.

Baseando-se no *Manuscrito Pérez* mas igualmente levando em consideração o trabalho de Brasseur, Dennis Tedlock (2003; 2009)⁵³ utiliza as duas principais versões conhecidas para redigir a sua própria edição, em inglês, do Rabinal-Achí. Com uma estrutura em versos, o autor retoma aspectos importantes da poética indígena, realizando paralelos com a língua inglesa de modo a preservar – ou transpor – as particularidades morfológicas essenciais da obra de acordo com seu ponto de vista. Deste modo, Tedlock nos apresenta uma “versão expandida” do Rabinal-Achí, apresentando notas descritivas detalhadas que apontam cada movimento, som musical ou intervenção realizada durante o teatro, complementando com uma análise técnica a respeito do contexto, significado e histórico da obra. Dada sua contribuição para as pesquisas a respeito do Rabinal-Achí e as demais danças autóctones indígenas da Guatemala, consideramos esta

⁵⁰ Disponível em: http://biblioteca.usac.edu.gt/folleto/USAC/digi/USAC_897.4_R116rab.pdf. Acesso em 17 set. 2023.

⁵¹ Cf. BRETON, Alain. *Rabinal Achí: un drame dynastique maya du quinzième siècle*. Nanterre: Société des américanistes & Société d'ethnologie, 1994;

BRETON, Alain. *Rabinal Achí: un drama dinástico maya del siglo XV*. Cidade da Guatemala: Centro Francés de estudios Mexicanos y Centroamericanos, 1999;

BRETON, Alain. *Rabinal Achí: un drama dinástico maya del siglo XV*. Cidade da Guatemala: Sophos Editorial, 2019.

⁵² BRETON, Alain (ed.). SCHNEIDER, Robert (trad.); FAGAN, Teresa Lavender (trad.). *Rabinal Achí: A Fifteenth-Century Maya Dynastic Drama*. Boulder: University Press of Colorado, 2007.

⁵³ TEDLOCK, Dennis. *Rabinal Achí: A Mayan Drama of War and Sacrifice*. Nova York: Oxford University Press, 2003.

obra, assim como o trabalho de Ruud Van Akkeren (2000),⁵⁴ como os principais tratados, escritos em língua inglesa, sobre o assunto.

Entre as versões mais recentes, também destacamos a nova tradução realizada a partir do *Manuscrito Pérez* para o espanhol realizada por Luis Hernán Rodríguez Felder em 2014.⁵⁵ Publicado na Argentina, o texto faz parte de uma coletânea dedicada à literatura universal, abarcando diversos títulos de destaque, entre fábulas, contos, poemas e romances separados em movimentos literários específicos.

4 Considerações Finais

Apesar de toda a controvérsia a respeito da identificação da origem e originalidade do *Manuscrito Pérez*, assim como suas cópias, variações, edições e adaptações, do mesmo modo como observamos na obra catalográfica de Brasseur, todas permanecem extremamente pertinentes e coerentes com a natureza móvel das tradições culturais – indígenas ou não –, que se adaptam ao meio e à sociedade em que estão inseridas. Apesar de o registro para a escrita potencialmente congelar a possibilidade de modificações ou de variações e evoluções de tradições orais ao longo do tempo, as diversas variações das próprias versões escritas e das representações tradicionais durante décadas sucessivas mostram que essa tradição não ficou congelada.

Sobre a diferença entre as versões, Luis Cardoza y Aragón (1972) escreve:

Novas versões aparecem e irão aparecer do Rabinal-Achi. A autêntica e a definitiva não podem existir. Na verdade, não existem formas invariáveis nessas tradições populares; nem conseguiram descobrir o alfabeto que fixou a própria palavra. Os próprios moradores de Rabinal (San Pablo de Rabinal) mantêm versões que são modificadas por aqueles que as mantêm. (CARDOZA Y ARAGÓN, 1972, p. XII. Tradução nossa.)

⁵⁴ VAN AKKEREN, Ruud. *Place of the Lord's Daughter: Rab'inal, Its History, Its Dance-drama*. Leiden: Research School, 2000.

⁵⁵ RODRÍGUEZ FELDER, Luis Hernán. *Literatura de los pueblos originarios: mayas Quichés: Rabinal Achí*. Buenos Aires: Proyecto Larsen, 2014.

Da mesma forma, problemas semelhantes ocorrem com as diversas traduções, interpretações, etimologias, cronologias, migrações, etc. Qualquer transcrição de um suporte para outro – seja da oralidade em língua quiché à escrita latina, em uma adaptação para uma ópera ou em uma história em quadrinhos – acarreta a perda e reformulação de significados e múltiplas variações de sentido devido às possibilidades e limitações de cada suporte. Igualmente importante, a intenção de cada autor deve ser levada em consideração. Como observamos, são diversas as motivações que levaram tantas pessoas em contextos históricos e geográficos distintos a revisitarem a narrativa tradicional do pequeno povoado de Rabinal, utilizando seu conteúdo seja para expressar ideais de resistência à imposição de costumes estrangeiros ou coloniais, ancestralidade e direito à terra ou mesmo a fins de curiosidade diante de um testemunho histórico-cultural único.

5 Referências:

ACUÑA, René. **Introducción al estudio del Rabinal Achi**. Cidade do México: UNAM, 1975.

ACUÑA, René. Las copias sobrevivientes del Rabinal Achí. **Literatura Mexicana**, v. 11, n.2, p. 11-25. 2000. Disponível em: <https://revistas-filologicas.unam.mx/literatura-mexicana/index.php/lm/articulo/view/394/393>. Acesso em: 17 set. 2023.

ADAMS, Herbert B. The Abbé Brasseur de Bourbourg. **American Antiquarian Society**. n.7. p. 274-290, abr. 1891. Disponível em: <https://www.americanantiquarian.org/proceedings/45439581.pdf>. Acesso em: 17 set. 2023.

BARROS ARANA, Diego. **Necrologia Americana**. Obras completas, vol. IX. Santiago: Imprenta Cervantes, 1910.

BAUDIZZONE, Luis M. **Rabinal Achi**. Drama danzado de los indios quiches de Rabinal en Guatemala (Colección Mar Dulce). Buenos Aires: Nova, 1944.

BRASSEUR DE BOURBOURG, Charles Étienne. **Cartas para servir de introducción a la historia primitiva de las naciones civilizadas de la América Septentrional**. Cidade do México: Murguía, 1851.

BRASSEUR DE BOURBOURG, Charles Étienne. Dos cartas inéditas del Abad Brasseur de Bourbourg, dirigidas al doctor José Mariano Padilla. [Rabinal, 23 mai e 3 jun. 1855]. **Anales de la Sociedad de Geografía e Historia de Guatemala**. n. 16, p. 298-303. 1940, Tomo XVI.

BRASSEUR DE BOURBOURG, Charles Étienne. Essai sur la poésie et la musique, sur la danse et l'art dramatique des anciennes populations mexicaines et guatémaltèques. Pour servir d'introduction au drame quiché de Rabinal-Achi. *In*: BRASSEUR DE BOURBOURG, Charles Étienne. **Gramatica de la lengua quiche**; Grammaire de la langue quichée, espagnole-française mise en parallèle avec ses deux dialectes, cakchiquel et tzutuhil, tirée des manuscrits des meilleurs auteurs guatemalans [...]. Paris: Arthus Bertrand, 1862.

BRASSEUR DE BOURBOURG, Charles Étienne. **Histoire de nations civilisées du Mexique et de l'Amérique-Centrale, durant les siècles antérieurs à Christophe Colomb**: Les temps héroïques et l'histoire de l'empire des Toltèques. Paris: Arthus Bertrand, 1857.

BRETON, Alain (ed.); SCHNEIDER, Robert (trad.); FAGAN, Teresa Lavender (trad.). **Rabinal Achi**: A Fifteenth-Century Maya Dynastic Drama. Boulder: University Press of Colorado, 2007.

BRETON, Alain. **Rabinal Achí**: Un drama dinástico maya del siglo XV. Cidade da Guatemala: Centro Francés de Estudios Mexicanos y Centroamericanos, 1999.

BRETON, Alain. **Rabinal Achí**: Un drama dinástico maya del siglo XV. Cidade da Guatemala: Sophos, 2019.

BRETON, Alain. **Rabinal Achi**: Un Drame Dynastique Maya Du Quinzième Siècle. Nanterre: Société d'ethnologie, 1994.

BRINTON, Daniel Garrison. **The Myths of the New World**: A Treatise on the Symbolism and Mythology of the Red Race of America. Londres: Trübner & co, 1868.

BRINTON, Daniel Garrison. **Aboriginal American Authors and their Productions Especially those in the Native Language**. Filadelfia: South Seventh Street, 1883.

BRUNHOUSE, Robert L. **En busca de los mayas**: los primeros arqueólogos. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

CARDOZA Y ARAGÓN, Luis. **Rabinal-Achí**. El varón de Rabinal. Ballet-drama de los índios Quichés de Guatemala [con la música indígena]. Cidade do México: Porrúa, 1972.

CID-PÉREZ, José; MARTÍ DE CID, Dolores. **Teatro Indio Precolombino: El Güegüense o Macho ratón. El varón de Rabinal. Ollantay.** Madrid: Aguilar, 1964.

FERLAND, Jean-Baptiste-Antoine. **Observations sur un ouvrage intitulé Histoire du Canada par M. l'abbé Brasseur de Bourbourg, vicaire-général de Boston, ancien professeur d'histoire au Séminaire de Québec, membre de plusieurs sociétés savantes d'Europe et d'Amérique,** etc. Paris: Charles Douniol, 1854.

HENRÍQUEZ PUENTES, Patricia. Ritos de paso para la puesta en escena del Rabinal Achi o Danza del Tun. **Revista Chilena de Literatura**, n. 76, p. 223-235, abr. 2010. DOI: <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-22952010000100011>

HERNÁNDEZ GÓMEZ, José Efraín. **Rabinal de mis recuerdos:** historia y ciento quince anécdotas. Cidade da Guatemala: Amenábar, 1991.

HOUSTON, Stephen; MAZARIEGOS, Oswaldo Chinchilla; STUART, David. **The Decipherment of Ancient Maya Writing.** Norman: University of Oklahoma Press, 2001.

IRVING, Thomas Ballantyne. **The Maya's own words:** an anthology comprising abridgements of the Popol-Vuh, Warrior of Rabinal, and selections from the Memorial of Solola, the Book of Chilam-Balam of Chumayel, and the Title of the lords of Totonicapan. Culver City: Labyrinthos, 1985.

LANDA, Diego de; BRASSEUR DE BOURBOURG, Charles Étienne (trad.). **Relation des choses de Yucatan.** Texte espagnol et traduction française en regard comprenant les signes du calendrier et de l'alphabet hiéroglyphique de la langue maya [...]. Paris: Arthus Bertrand, 1864.

LEINAWEAVER, Richard E. Rabinal Achí: Commentary; English Translation. **Latin American Theatre Review**, v. 1, n. 2, p. 3-53, mar. 1968. Disponível em: <https://journals.ku.edu/latr/article/view/57/32>. Acesso em: 17 set. 2023.

MACE, Carroll Edward. Algunos apuntes sobre los bailes de Guatemala y de Rabinal. **Cultura de Guatemala.** Segunda Época. Anuario Musical. Cidade da Guatemala: Universidad Rafael Landívar, 1998. p. 83-136. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4009563.pdf>. Acesso em: 17 set. 2023.

MARTÍN SONSECA, Rosamaría Barba. Ystoria de Moros de la Conversión de San Pablo y expresan los nombres. **Artis.** v. 1, p. 77-105, 1960.

MILLER, J. R. **Shingwauk's Vision:** A History of Native Residential Schools. Toronto: University of Toronto Press, 1996.

MONTALBÁN, Leonardo. **Historia de la literatura de la América Central.** Tomo 1- Época indígena. El Salvador: Ministerio de Instrucción Pública, 1929.

MONTERDE, Francisco. **Teatro indígena prehispánico**: Rabinal Achí. Cidade do México: Ediciones de la Universidad Nacional Autónoma, 1955.

ORDOÑEZ Y AGUIAR, Ramon. **Historia de la creación del cielo, y de la tierra, conforme al Sistema de la Gentilidad Americana**. Theologia de los Cvebras, Figurada en ingeniosos Geroglyphicos, Symbolos, Emblemas y Metaphoras, Diluvio Universal, Dispersión de las gentes, Verdadero origen de los Indios: Su salida de Chaldea, su transmigración à estas partes Septentrionales: su transito por el Océano, y derrota que siguieron, hasta llegar al Seno Mexicano. Principio de su Imperio, Fundación, y destrucción de su antigua y primera Corte, poco há descubierta, y conocida con el nombre de Ciudad de Palenque. Supersticioso Culto, con que los antiguos Palencanos adoraron al verdadero Dios, figurado, en aquellos Symbolos o Emblemas, que colocados en las Aras de sus Templos, últimamente, degeneraron en abominables Idolos. Libros, todos, de la mas venerable antigüedad; sacados del olvido unos: nuevamente descubiertos otros: e interpretados sus Symbolos, Emblemas, y Metaphoras, conforme al genuino sentido del phrasismo americano. Cidade do México: [s.n.], 1907. Disponível em: <https://archive.org/embed/historiadelacrea00ord>. Acesso em: 17 set. 2023.

OXLAJUUIJ Keej Maya' Ajtz'iib'. **Maya' Chi'**: Los Idiomas Mayas de Guatemala. Cidade da Guatemala: CHOLSAMAJ, 2001.

PADIAL GUERCHOUX, Anita; VÁZQUEZ-BIGI, Manuel. **Quiché Vinak**. Tragedia. Nueva versión española y estudio histórico-literario del llamado "Rabinal-Achí". Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1991.

PALM, Erwin Walter. **Der Mann von Rabinal, oder Der Tod des Gefangenen, Tanzspiel der Maya-Quiché**. Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1961.

PASQUALI, Bruno Tomazela. **Rabinal-Achí**: versões e representações de uma tradição maia. Orientador: Dario Horacio Gutiérrez Gallardo. 2021. 135f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. doi:10.11606/D.8.2021.tde-16052022-210043.

RODRÍGUEZ FELDER, Luis Hernán. **Literatura de los pueblos originarios**: Mayas Quichés: Rabinal Achí. Buenos Aires: Proyecto Larsen, 2014.

SACOR, Hugo Fidel. **Rabinal Achí o danza del tun**. Traducción al español de Hugo Fidel Sacor. Descripción del baile de Silvia Alvarez. Análisis musicológico de Enrique Anleu Díaz. Cidade da Guatemala: Universidad de San Carlos de Guatemala, 1991. Disponível em: http://biblioteca.usac.edu.gt/folleto/USAC/digi/USAC_897,4_R116rab.pdf. Acesso em: 17 set. 2023.

SOCIEDAD Mexicana de Geografía y Estadística. **Boletín de la Sociedad Mexicana de Geografía y Estadística**. Tomo VIII. Cidade do México: Andrés Boix, 1860.

STUCKEN, Eduard. **Die Opferung des Gefangenen**: Ein Tanzschauspiel der Indianer in Guatemala aus Vorkolumbischer Zeit. Berlin: Erich Reiss Verlag, 1913. Disponível em: <https://archive.org/details/dieopferungdesg00stucgoog/>. Acesso em: 04 mai 2023.

SYLVAIN, Philippe. **Brasseur de Bourbourg, Charles-Étienne**. In: Dictionnaire biographique du Canada, vol. 10, Université Laval/University of Toronto, 2003. Disponível em: http://www.biographi.ca/fr/bio/brasseur_de_bourbourg_charles_etienne_10F.htm. Acesso em: 17 set. 2023.

TEDLOCK, Dennis. **Popol Vuh**: The Definitive Edition of the Mayan Book of the Dawn of Life and the Glories of gods and kings. Nova York: Touchstone, 1985.

TEDLOCK, Dennis. **Rabinal Achí**: A Mayan Drama of War and Sacrifice. Nova York: Oxford University Press, 2003.

TELETOR, Celso Narciso. **Apuntes para una monografía de Rabinal (B.V.) y algo de nuestro folklore**. Colección Monografías 3. Cidade da Guatemala: Ministerio de Educación Pública, 1955.

VAN AKKEREN, Ruud. El baile-drama Rab'inal Achí: Sus custodios y linajes de poder. **Mesoamérica: Revista del Centro de Investigaciones Regionales de Mesoamérica**, vol. 21, n. 40, 2000. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/2431392.pdf> . Acesso em: 1 dic. 2023

VAN AKKEREN, Ruud. **Place of the Lord's Daughter**: Rabinal, Its History, Its Dance-drama. Leiden: Research School, 2000.

WAUCHOPE, Robert (ed.). **Handbook of Middle American Indians**, v. 13: Guide to Ethnohistorical Sources, Part Two. Texas: University of Texas Press, 2015.

WINSOR, Justin. **Narrative and Critical History of America**, vol. 1. Boston e Nova York: Riverside Press, 1889.

WOLF, Eleanor. **Rabinal**: an ancient play of the Quiche Indians of Guatemala. Lexington: King's Library Press, 1977.